

O capitalismo é inimigo declarado da felicidade

Jorge Riechmann, no livro *¿Cómo Vivir?*

By [Edu Montesanti](#)

Global Research, August 14, 2017

O sistema dominante disfarçado precariamente de democracia – na qual deveria prevalecer o bem-comum independente do poder aquisitivo de cada um – utiliza-se da ditadura do consumismo e das aparências que cria, diariamente nos laboratórios de publicidade e *marketing*, necessidades fúteis, concorrentes a serem superados ou até mesmo inimigos a serem combatidos a fim de gerar individualismo, anular ideais e senso cidadão de seres acrílicos, conformistas, apáticos, compulsivos e dotados de fobias na busca desenfreada por preenchimento interior de acordo com as sutis imposições do *marketing* sobre sociedades homogêneas nunca satisfeitas, excludentes e intolerantes com as diferenças, mesmo aquelas que, simplesmente, estejam de alguma maneira fora do agressivo estereótipo preponderante.

Com isso tudo, subproduto do consumo alienado e da imposição de valores, as massas acabam facilmente manipuladas pelo sistema político e por sua porta-voz sustentada exatamente pelos “donos” desse sistema, usurpadores do poder: a grande mídia. Os cidadãos que se recusam a viver aprisionados desta maneira devem ser combatidos como ameaça, através dos mais diversos rótulos – ideólogos, rebeldes, baderneiros, subversivos, autoritários, paranoicos, etc.

Já o grande valor do indivíduo dentro desta lógica reside na capacidade de vender produtos (atendimento médico, aula, etc) a clientes (pacientes, alunos, etc) e no lucro que se gera através deles, não no caráter, na bagagem intelectual nem necessariamente na qualidade real dentro daquilo que se propõe a fazer.

Esta realidade permeia todos os segmentos de uma sociedade que rezam a excludente cartilha das leis do capital, onde “quem pode manda, e que tem juízo obedece cegamente”, ou seja, as virtudes e o respeito são divisíveis, absolutamente relativos de acordo com os privilégios e a escassez das respectivas classes sociais.

Cidadania acaba sendo sinônimo de consumir, ou seja, o indivíduo é reconhecido, passa a ter determinado grau de voz e sendo respeitado, mesmo nos direitos fundamentais, de acordo com sua capacidade de consumo. Assim, até a honra e o opróbrio são mercantilizados, tanto quanto a água e o ar que se respira.

Pois é por obra e graça do sistema capitalista que grandes estúpidos, ao realizar atividades medíocres acabam aplaudidos alegremente pelas multidões pelo alto retorno financeiro, enquanto mentes brilhantes e trabalhos formidáveis podem ser “chutados” por todos os lados se os ganhos forem baixos (o sistema capitalista tende a premiar os medíocres, já que se apoia fundamentalmente neles para sobreviver), ou mesmo se essas mentes simplesmente não aparentarem *ter e poder*. Neste sistema competitivo por natureza em que vale a cavernosa lei do mais forte, é também preciso *parecer ser e parecer ter*.

Os defensores desse sistema têm como principal argumento o precário subterfúgio regressivo que afirma que o ser humano e o mundo são “assim mesmo”, ou seja, o homem é egoísta por natureza e vale a lei do mais forte, geralmente tendo como exemplo, para dar um toque de naturalismo e talvez de ingenuidade, o fato de alguns animais se alimentarem de outros: “é a lei da vida”. Alguns “mais religiosos” apontam, “sabiamente” e “cheios de fé”, que Deus quis assim – “do contrário, não seria assim”, palram.

Os “mais religiosos”, por sua vez, marcando o histórico atraso intelectual deste segmento costumam dizer (justo eles, “cheios de fé” que reivindicam ser!) que “essa coisa de mundo solidário e igualitário em que não haja necessidades, é lá para o Céu”, ironicamente esbanjando ceticismo ao mesmo tempo que trazem implícito, neste argumento, o reconhecimento de que o capitalismo é um sistema fracassado já que não prioriza o bem-estar dos habitantes desta terra. Para parte deste setor, que não admite questionamentos (outra desalentadora contradição, característica que também os marca), um sistema baseado nos princípios de igualdade entre os seres humanos e na preservação ambiental seria impositor, mas não: seus impositores de “cabrestos unguados” sim, é que são impostores.

Já os mais “técnicos” saem-se com ilusões do tipo, “todos têm a chance de se tornar milionários” no sistema capitalista apresentado como “um mundo de possibilidades”, o qual não precisa ser pensado muito profundamente para que seja constatado exatamente o inverso disso: vale e pode (inclusive moralmente) quem tem e, tão importante quanto isso, quem *aparenta* ter.

Do contrário, não se terá a possibilidade sequer de se mover do bairro de Santo Amaro ao Parque do Ibirapuera em São Paulo – ou se se conseguir chegar lá, ainda que a pé, o pior ainda estará por vir: no maior parque da América Latina, o cidadão comum das classes menos favorecidas ou que aparente certa simplicidade, terá de vencer a agressiva exclusão social, com todo o mal-estar bem conhecido que envolve esse ambiente no que deveria ser um período de lazer; e se for o caso, na tentativa de vender algo como artesanato ou uma série de livros para sobreviver, sofrerá forte repressão policial, apreensão dos produtos além da própria ridicularização societária, apenas para citar alguns exemplos menos dramáticos deste “mundo de possibilidades” em que, “dependendo apenas do esforço, qualquer um pode se tornar milionário”.

Assim, em nome do excesso nas mãos de algumas dúzias de famílias nacionais e do 1% mundial, devemos todos nos conformar com o *status quo* opressor sobre as miseráveis maiorias, sem nenhuma perspectiva de mudança como se todo ser humano fosse melancólico como eles que inclusive primam, segundo imposição também da ditadura do capital e da informação rendida às “leis do mercado”, pela glorificação dos iguais não admitindo diferenças, questionamentos nem muito menos afirmação e avanço cultural (esta, também negociável no sistema capitalista).

Devido ao “raciocínio” dos aiatolás do capital que apostam na ingenuidade alheia e extravasam a estupidez, povos e culturas milenares têm sido completamente dizimados ao longo da impiedosa história, ditada pelos donos e usurpadores do poder em nome de um suposto progresso financeiro e tecnológico que, à frente do bem comum, trouxe o mundo a este estado caótico onde se multiplicam velozmente fome, doenças facilmente tratáveis, violência, roubo indiscriminado, guerras, degradação ambiental, extinção de espécies e, logo, da espécie humana pela própria espécie.

Mesmo um sistema capitalista reformado através do neodesenvolvimentismo, que apregoa a expansão do agronegócio e de projetos energéticos apoiada na intensiva extração/mercantilização dos recursos naturais, tem se mostrado inviável: produção e crescimento econômico contínuos não podem ser sustentados pela natureza; o sistema capitalista e seus burros estão, literalmente, dando n'água que deverá ser o maior motivo de guerras no futuro próximo, certamente bem mais grave à humanidade e ao ecossistema que as corridas pelo ouro europeia e norte-americana, que dizimou covardemente povos americanos originários em nome do “progresso mercantilista” que não traz felicidade genuína, satisfação interior, progresso humano.

Sem capitalismo, sem a exploração do trabalho assalariado e o homem “cobaia” ou escravo do progresso tecnológico, grandes avanços foram conquistados inclusive pelos índios no campo das ciências, da medicina e da astronomia – é evidente que os livros de História elaborados pelos donos do poder e a publicidade a serviço do capital, não contam nada disso.

Enfim, as evidências mostram claramente que sem capitalismo o mundo seria bem mais satisfatório hoje, a vida seria plena para quem realmente quisesse vivê-la. Apenas um sistema perverso como este seria capaz de tornar regiões outrora as mais ricas da América Latina (tais como o Nordeste brasileiro, Potosi na Bolívia e partes de Colômbia, Peru e América Central), exatamente nas mais pobres da região hoje devido, sobretudo, ao uso intensivo da terra, ao extrativismo e à mercantilização dos recursos naturais – além, é claro, do extermínio dos povos originários em nome do “progresso” e da competitividade que se apoia na lei do mais forte, essência do capitalismo.

O mesmo ocorre no naturalmente rico continente africano, com muito mais recursos naturais que Europa, América do Norte e Japão, porém transformado em terra miserável devido aos seculares interesses do capital naquela região: concorrência, privatizações inclusive dos recursos naturais, e toda a exploração e pilhagem (interna e, sobretudo, estrangeira) decorrentes do sistema de livre-mercado. E mais um fato ironicamente emblemático do capitalismo: os países da África mais ricos em minérios são exatamente os mais pobres inclusive em democracia, tais como Angola, Libéria, Congo, Costa do Marfim, Ruanda e Serra Leoa, entre outros [leia [Africa Is Not Poor, We Are Stealing Its Wealth](#) (A África Não É Pobre, Nós Estamos Roubando Sua Riqueza) de Nick Dearden, em *Al-Jazeera* do Qatar].

Em tempos de estágio avançado deste sistema podre que coloca seu desenvolvimento, os interesses do capital à frente do bem-estar e do desenvolvimento humano, ter e receber o mínimo de dignidade são o mais árduo desafio – para algumas bilhões de pessoas em todo o mundo, missão impossível.

Jesus foi o primeiro socialista: dividiu o pão e o vinho; Judas foi o primeiro capitalista: vendeu Jesus por trinta moedas
Hugo Chávez

Disse o papa Francisco em [entrevista](#) ao jornal italiano *La Repubblica* no dia 11 de novembro de 2016: “São os comunistas que pensam como os cristãos. Cristo falou de uma sociedade onde os pobres, os frágeis e os excluídos sejam os que decidam. Não os demagogos, mas o povo, os pobres, os que têm fé em Deus ou não, mas são eles a quem temos que ajudar a obter a igualdade e a liberdade”.

Quando fez tal afirmação, o papa certamente não tinha em mente o capitalismo de Estado soviético, imperialista, tirânico, mas a organização social, por exemplo, dos povos originários da região hoje conhecida como América Latina baseada na inclusão e no bem-estar acima de tudo: do indivíduo, da família, da comunidade, dos animais e da terra.

Através do Relatório Rockefeller de 1975 substituiu-se na América Latina a Igreja Católica – parceira já não muito confiável – através da criação e financiamento de seitas evangélicas pela CIA, pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e ONGs de fachada a fim de combater ideais socialistas na América Latina em defesa do imperialismo norte-americano.

Exercendo lavagem cerebral, manipulando, dominando e acumulando riquezas, tais seitas possuem a acentuada capacidade de penetrar em setores populares que determinados movimentos não conseguem alcançar, sendo que muitas delas têm estado envolvidas até no tráfico de armas por meio de líderes supostamente religiosos de péssimo nível intelectual, o que pode muito bem explicar o “enigmático fenômeno” de “igrejas” multimilionárias e, automaticamente, a própria multiplicação de armamentos em territórios nacionais. Já houve [denúncias](#) por parte de indignado pastor evangélico brasileiro, de que alguns colegas participam da lavagem de dinheiro de políticos nacionais e do narcotráfico).

Os autores do relatório, arquitetado e financiado pela Fundação Rockefeller que, historicamente, promove políticas de dominação e exploração global através sobretudo da [lavagem cerebral induzindo medo às massas](#), reclamaram, então, do que denominaram “excesso de democracia” alegando que este sistema só funciona se houver apatia e desinteresse societário. Em outras palavras: o capitalismo apenas se sustenta apoiado na alienação e despolitização dos indivíduos, na retirada de seu senso de cidadania e da noção de sua posição no mundo.

Pois *WikiLeaks* liberou [telegrama secreto](#) revelando que realmente existe uma organização secreta da qual a família Rockefeller é uma das 13 dinastias *Illuminati*, atuando como governo global nas sombras e estreitamente ligada ao governo dos EUA; o próprio *Federal Reserve*, banco central norte-americano, [pertence](#) a oito famílias-membro dos *Illuminati*, [entre elas os próprios Rockefeller](#).

Opor-se ao monoteísmo do mercado vai muito além de ideologia: cosmovisão, trata-se de questão de sobrevivência. A felicidade e a vida no planeta dependem de um outro mundo, possível, onde prevaleçam cooperação, valorização às diferenças (sejam elas quais forem, desde que não firam o espaço nem a liberdade do outro) e justiça social.

No caso particular do Brasil, altamente despolitizado [para regozijo dos Rockefeller e também por (ir)responsabilidade dos setores pateticamente autodenominados progressistas], a maior desgraça é que se conseguiu transformar até os pobres em seres reacionários e, rezando fielmente a mesquinha cartilha das classes mais abastadas, sem o menor senso de cidadania. Mas outro Brasil também é possível.

Edu Montesanti

www.edumontesanti.skyrock.com

Edu Montesanti é autor de *Mentiras e Crimes da “Guerra ao Terror”* (2012). Escreve para *Revista Caros Amigos*, *Pravda Brasil*, *Pravda Report* (Rússia), *Telesur English* (Venezuela), *Truth Out* (Estados Unidos), e *Global Research* (Canadá). É tradutor dos sítios de *Abuelas de Plaza de Mayo* (Argentina) e *Revolutionary Association of the Women of Afghanistan*

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Edu Montesanti](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca